

O ENSINO DE GEOGRAFIA EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA NA CIDADE DE SANTA MARIA, RS: UMA ANÁLISE METODOLÓGICA¹

*THE TEACHING OF GEOGRAPHY IN SOME SCHOOLS IN
SANTA MARIA, RS: A METHODOLOGICAL ANALYSIS*

Marisa dos Santos Dezotti² e Ail Conceição Meireles Ortiz³

RESUMO

Com o presente trabalho, objetiva-se analisar metodologicamente o ensino de Geografia em escolas de educação básica na cidade de Santa Maria, RS. A Geografia, por ser uma ciência moderna, produto de uma sociedade complexa, graças ao seu amplo campo de estudo, tem seu lugar no ensino, auxiliando na compreensão do mundo, desenvolvendo nos educandos qualidades intelectuais, morais e conhecimentos. Contudo, é grande a defasagem entre esse ensino e o que atualmente é ministrado em grande número de classes. O equívoco não está na disciplina ensinada, mas na forma como é feito este ensino: por professores, cujos conhecimentos, noções teóricas e métodos de trabalho estão aquém do atual estado da ciência. Este estudo foi elaborado a partir de levantamento bibliográfico, seguido da escolha de quatro escolas de Ensino Básico de Santa Maria. O processo investigativo foi desenvolvido por meio de questionários aplicados a professores de Geografia e alunos de 5^a, 8^a e 2^a séries do Ensino Médio. Percebeu-se, com esta pesquisa, a presença, ainda, de um ensino tradicional, seja pela prática pedagógica dos professores, seja pelas próprias condições em que o sistema educacional encontra-se travado, impedido de ousar novas tendências. Por sua natureza e características, a Geografia, necessariamente, deve constituir um espaço voltado para a discussão de novas ideias que despertem e oportunizem aos estudantes a percepção de que são sujeitos ativos que podem transformar a realidade que os envolve.

Palavras-chave: Metodologia, escolar.

¹ Trabalho de Iniciação Científica - PROBIC.

² Acadêmica do curso de Geografia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

ABSTRACT

The paper aims to methodologically analyze the teaching of Geography in schools in the city of Santa Maria, RS. Geography, as a modern science, the product of a complex society, has its place in education assisting in the understanding of the world by developing in students some intellectual and moral qualities. However, there is a great discrepancy between this kind of teaching and what is currently taught in many classes. The mistake is not in the subject taught, but how it is done in this teaching: by teachers whose knowledge, theoretical concepts and working methods are below the current state of science. This study was drawn from literature and followed by the choosing of four schools in Santa Maria. The research process was developed through questionnaires given to some students and teachers of Geography, of the 5th and 8th years of junior high school, and of the 2nd year of high school. It was noticed a traditional methodology developed by the teachers and a blocking condition in the educational system that is unable to try out new trends. By its nature and characteristics, the Geography subject ought to be a space devoted for the discussion of new ideas that provide students with the perception that they are active subjects who can transform the reality that surrounds them.

Keywords: *Methodology, school.*

INTRODUÇÃO

Convive-se com grande diversidade de produtos do conhecimento científico e tecnológico. Não se pode, pois, ignorar seus efeitos positivos e negativos para a sociedade, para os seres vivos e o meio ambiente. Ao ensinar Geografia, oferecemos ao aluno oportunidades de desenvolver uma melhor compreensão do mundo e da sociedade em que se encontra inserido. Ainda procuramos propiciar-lhe, desde cedo, reflexões para o exercício de uma cidadania crítica e consciente.

Para isso, considera-se que os conceitos da ciência geográfica sejam tratados como objetos de investigação do aluno, mediados pela ação do professor, em que sejam privilegiados os processos de compreensão, reflexão, análise e crítica, a ação integrada e cooperativa, em substituição ao ensino fundamentado no individualismo e na memorização.

Entretanto, tudo isso só é possível a partir da ação imprescindível do professor. Sabe-se que não existe uma receita infalível de metodologias para se desenvolver aulas interessantes que atraiam os alunos, todos os dias do ano. Não obstante, é preciso também que sejam desenvolvidas relações de afeto, simpatia e entusiasmo entre educador e educando, como base para a criação de um clima propício à aprendizagem. Infere-se criatividade e sensibilidade do professor para a condução do laborioso processo de transformar o conhecimento de senso comum em saber científico que, então incorporado pelo aluno, permitir-lhe-á ressignificar o mundo.

Dentro dessa perspectiva, foi realizado este trabalho de pesquisa, tendo como objetivo geral analisar metodologicamente o ensino de Geografia em escolas de Ensino Básico na cidade de Santa Maria, RS. Como objetivos específicos, propôs-se conhecer a metodologia empregada no ensino de Geografia; descobrir interesses e perspectivas dos alunos em relação ao ensino de Geografia; conhecer quais as dificuldades que os alunos apresentam quanto ao ensino de Geografia.

Esta pesquisa contribuirá para a melhoria da qualidade do processo de ensino-aprendizagem, com ações que sejam coerentes com o objetivo da construção do conhecimento geográfico, visando a auxiliar o aluno a pensar a realidade em que estão inseridos com ações mais consistentes, sendo críticos e questionadores, os tornando cidadãos mais atuantes, num mundo cada vez mais complexo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação é uma prática que distingue os homens dos demais seres vivos. Sua evolução está ligada à evolução da própria sociedade, assumindo um importante papel no processo de humanização e transformação social.

A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar, mas, sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas (FREIRE, 1996, p. 76).

Com a evolução dos conhecimentos pelas revoluções científicas, houve uma nova visão do saber e uma nova imagem de mundo, que trouxeram mudanças profundas na educação. Com o passar do tempo, surgiram novos modelos ideológicos e pedagógicos, a partir de novos pensadores, com ideias mais humanizadas, flexíveis, ou então ideias mais técnicas, tradicionais. Mas, dessas ideias novas, o que prevaleceu no processo educativo como finalidade pedagógica

foi aquela destinada a formar cidadãos e indivíduos socialmente mais ativos e responsáveis, mais conscientes, esclarecidos. Segundo Vesentini (2004, p. 222),

pode-se dizer que os pressupostos básicos dessa “revolução” ou reconstrução do saber geográfico consistiram e consistem na criticidade e no engajamento. *Criticidade* entendida como uma leitura do real – isto é - do espaço geográfico – que não omita as suas tensões e contradições, tal como fazia e faz a geografia tradicional, que ajude a esclarecer a espacialidade das relações de poder e de dominação. E *engajamento* visto como uma geografia não mais “neutra” e sim comprometida com a justiça social, com a relação das desigualdades socioeconômicas e das disparidades regionais.

A educação enfrenta, hoje, inacreditáveis desafios, diferentes e muito mais sérios do que quantos já se lhe apresentaram durante a sua longa história. A questão é sabermos se ela está em condições de responder a esses desafios. Isso é um dos fatores capazes de determinar se a humanidade caminha para o seu crescimento, pois, “pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 44).

A relação entre educação, escola e sociedade está sendo alvo de uma transformação contínua, que influencia o modelo vigente de educação, de escola e de sociedade. Assim, o professor representa a peça chave de todo este processo, como mediador entre o conhecimento e o ser humano, bem como contribui para a formação de valores morais e éticos.

O processo de aprendizagem nos remete a um novo olhar, a novas perspectivas e utopias, que podem surgir do entendimento, do ponto de vista e da percepção do aluno. É compensador descobrir os caminhos que os alunos percorrem ao elaborar e sistematizar seus conhecimentos e acompanhá-los em suas novas experiências, propondo questões e esperando que eles as compreendam e nos surpreendam com suas respostas. Acredita-se que o espaço da sala de aula seja um ambiente de investigação e de respeito, onde o educador e o educando expressem seus pensamentos, suas dúvidas, suas descobertas e construam vínculos entre si. Conforme Oliveira (2000, p. 61),

a sala de aula é um espaço de construção cotidiana, onde professores e alunos interagem mediados pelo conhecimento.

Desafiadora instigante, espaço de desejo, de negociação ou resistência, a sala de aula é reveladora de nossos acertos ou de nossos conflitos. Torná-la um espaço de construção de experiências educativas relevantes para professores e alunos é uma das questões desafiantes para nós, educadores.

As experiências de aprendizagem devem fazer com que os alunos aprendam assimilando os conteúdos, testando as hipóteses levantadas, estimulando e desenvolvendo os processos cognitivos e fazendo uso das novas tecnologias (telescópios, microscópios, televisão, máquinas de calcular, computadores, etc.), que são mediadoras para novas e mais rápidas aprendizagens, sempre em níveis mais amplos de reflexão e abstração. Freire (1996, p. 96) nos adverte para que

antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no *saber* de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar mais, perguntar, re-conhecer.

Atualmente, as ‘novas’ tendências educacionais multiplicam-se, buscando responder aos anseios de uma sociedade que, muitas vezes, entende a educação como um caminho mais fácil de superar os problemas estruturais da desigualdade entre pobres e ricos, alfabetizados e analfabetos, homens e mulheres, desenvolvidos e subdesenvolvidos, etc. No entanto, parece que estas tendências ainda não aprenderam a trabalhar com suas desigualdades e, muito menos, apresentam “respostas” aos anseios desta sociedade. Não temos acordo para o que seja aprender, o que seja ensinar, quais são os conteúdos, qual a função do professor, qual a função da escola. No ensino de Geografia, o caminho semelhante é: grupos diferentes entendem de formas diferentes os processos de ensino-aprendizagem e privilegiam (ou excluem) abordagens diferenciadas, na maioria das vezes, identificando sua abordagem como sendo a melhor.

Em um mundo com fronteiras cada vez menos definidas, passamos a conviver com novos conceitos histórico-geográficos, culturais e econômicos, um mundo onde a geração de riquezas está profundamente relacionada à capacidade de produzir conhecimento e tecnologia. Diante disso, não há como formar um cidadão sem que ele saiba lidar com o saber científico. O estudo da ciência geográfica ajuda

na compreensão do mundo e suas transformações e permite que nos reconheçamos como parte integrante do universo. Por meio desse saber, é possível questionar, criticar o que é visto e ouvido, intervir na natureza e utilizar seus recursos, agir de forma responsável tanto com relação ao meio ambiente, como a nós mesmos, e refletir sobre as questões éticas que estão implícitas na relação entre o saber geográfico e a sociedade. Segundo Castrogiovanni (2000, p. 12),

o ensino da Geografia deve preocupar-se com o espaço nas suas multidimensões. O espaço é tudo e todos: compreende todas as estruturas e formas de organização e interações. E, portanto, a compreensão da formação dos grupos sociais, a diversidade social e cultural, assim como a apropriação da natureza por parte dos homens, deve fazer parte também dessa alfabetização.

Durante séculos, o homem apropriou-se dos recursos naturais, alterou o ciclo da natureza, acreditando que esta estava a sua disposição. Hoje, está diante de uma crise ambiental que coloca em risco a vida do Planeta. Saber como a natureza se comporta e como o ser humano interage com o meio em que vive é fundamental para o aluno aprender a tomar decisões com fundamento e orientar suas ações de forma consciente. Ao ensinar Geografia, o professor deve possibilitar aos alunos passar do conhecimento do senso comum para o conhecimento científico.

Com frequência, não há reconhecimento de que muito do material apresentado aos alunos em sala de aula tem, para eles, a mesma qualidade desconcertante e destituída de significado que tem, para nós, uma lista de palavras sem sentido. Isto é verdade, sobretudo para aquele aluno pouco privilegiado, a quem uma experiência do seu cotidiano não oferece contexto algum dentro do qual se insira o material com que se defronta. Para a maioria dos alunos, extensas porções do seu currículo são sem o menor significado. Por isso, é comum ouvirmos dos alunos afirmações desdenhosas sobre as aulas de Geografia. São considerados períodos de menor importância no contexto curricular (onde só a memorização é valorizada nas avaliações), momentos em que predominam o sono e o marasmo. É possível que o desejo de todo educador seja de facilitar a aprendizagem do seu aluno, dotando-a de significação. Entretanto, o que se apresenta na maioria das escolas, na maioria dos níveis educacionais, é uma via de acesso tradicional e convencional que torna improvável, se não impossível, a aprendizagem de significação. Quando são reunidos, em um esquema, elementos tais como currículo preestabelecido, deveres idênticos para todos os alunos,

lições como quase único modo de instrução, testes padronizados pelos quais são avaliados externamente todos os estudantes e notas dadas pelo professor como medidas de aprendizagem, então quase podem garantir que a aprendizagem dotada de significação será reduzida ao mínimo.

Nesse sentido, tem-se observado interesse crescente, por parte dos professores, pela busca de propostas alternativas para o cotidiano do processo educativo: tomadas de posições e hipóteses capazes de estruturar a educação, objetivos e valores alternativos pelos quais educadores e estudantes possam tirar o maior proveito possível do processo de ensino-aprendizagem. Em contrapartida, as atuais propostas desenvolvidas em sala de aula geralmente apresentam-se embasadas em pressupostos teóricos que valorizam o conhecimento como algo pessoal estanque, impossível de ser transformado.

O aluno pode vir a considerar as aulas de Geografia como um bom e agradável momento de aprendizagem escolar, mas isso depende, é claro, da atuação consciente do professor, o qual deve levar em conta que o ser humano é curioso, criativo e transformador, que carrega em si a ansiedade de saber mais. O educador deve ter a consciência de que só fará um trabalho adequado a partir do conhecimento da realidade imediata do seu aluno. “Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos” (CATROGIOVANNI, 2000, p.13). O princípio é muito importante. A Geografia deve começar a interessar na porta da sala de aula. O primeiro passo é permitir e estimular a fala da turma.

O aluno precisa sentir que, nesse espaço (a aula de Geografia), ele poderá falar, relatar, questionar. Aquele tempo em que se buscava o conhecimento pronto nos livros já passou. Agora é o momento de refletir sobre os fatos, relacionando-os com a realidade que os cerca. A Geografia atual busca o entendimento da realidade num sentido amplo. “Muitas vezes as explicações podem estar fora, sendo necessário buscar motivos tanto internos quanto externos para se compreender o que acontece em cada lugar” (CALLAI, 2000, p. 84). Ouvindo os anseios da classe, o professor terá a chance de preparar seu aluno para as novas aprendizagens que essa disciplina pode proporcionar.

Tornar as aulas de Geografia atraentes e interessantes para o aluno constitui uma tarefa lenta e gradual. Contudo, o desenvolvimento do programa estabelecido pela escola deve ser elaborado com sensibilidade e atenção, oferecendo materiais e atividades diversificadas, pois “uma educação que tem como objetivo a autonomia do sujeito passa por municiar o aluno de instrumentos que lhe permitam pensar, ser criativo e ter informações a respeito do mundo em

que vive” (CALLAI, 2000, p. 101). Entretanto, o importante é acreditar que, mesmo que o aluno venha de experiências não satisfatórias e tenha receptividade negativa à disciplina, será sempre possível despertar seu interesse. Cabe ao professor buscar elementos para inovar.

Atualmente, a mídia, a tecnologia, o precoce ingresso na escola legam à criança e ao adolescente uma carga impressionante de informações que lhes permitem estabelecer relações relativamente complexas muito cedo. “A grande questão, entretanto, é auxiliar o aluno a organizá-las no sentido de entendimento sobre como tais processos naturais e fenômenos atingem a vida das pessoas” (CALLAI, 2000, p. 101).

Ao perguntar: - O que posso fazer para tornar as aulas de Geografia interessantes e atraentes para meus alunos? O professor está criando o norte para a sua caminhada, que leva ao crescimento, em que o saber se faz com compreensão, pesquisa e sentimento. Nunca é fácil mudar, mas o novo é estimulante. Buscar, no aluno, a resposta que ele anseia, é a melhor maneira de tornar fascinantes as aulas de Geografia.

METODOLOGIA

A metodologia constitui-se numa importante ferramenta a ser utilizada na construção de uma produção científica, sendo um conjunto de abordagens, técnicas e processos empregados para delimitar um determinado problema e resolver questões de aquisição objetiva do conhecimento, de forma sistemática. A opção por um método de pesquisa quantitativa e/ou qualitativa será orientada pela formulação do problema de pesquisa, objetivos e hipóteses. Qualquer que seja a escolha, esta deve estar bem definida e justificada.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho esteve ligada, inicialmente, a uma pesquisa teórico-bibliográfica, buscando autores que já tenham abordado temas relacionados ao projeto de pesquisa em questão. Após uma análise reflexiva e crítica dos textos selecionados, foi construído o referencial teórico, que fundamentou todo o processo de pesquisa. A terceira etapa constitui a aplicação de questionários (sob forma de entrevistas) aos alunos e professores. As respostas foram transformadas em dados estatísticos para análise e interpretação dos resultados obtidos. O método de abordagem foi o dedutivo, de um fato conhecido, dividindo-o e, por meio da pesquisa, conhecendo suas partes. É a reconstituição do todo decomposto pela análise. A natureza metodológica deste trabalho de pesquisa, segundo os objetivos, classificou-se em descritiva, porque envolve levantamento de características conhecidas, componentes dos

fatos/fenômenos/problemas; segundo os procedimentos e coleta de dados, foi de levantamento, pois se infere pesquisa de informações a cerca da temática; as fontes de informações envolveram campo, ou seja, pesquisar *in loco*, no lugar natural onde aconteceram os fatos; e de laboratório, onde ocorreu a produção dos fatos. Os sujeitos envolvidos neste projeto de pesquisa foram professores do ensino de Geografia e alunos das escolas envolvidas na pesquisa. A amostragem constou com 30 % dos alunos da disciplina de Geografia das referidas escolas. Os instrumentos de pesquisa envolveram questionários com questões fechadas, 15 questões para docentes e 15 questões para discentes.

Como sujeitos de pesquisa deste trabalho, foram selecionadas quatro escolas estaduais de Ensino Básico, em Santa Maria, das regiões norte, sul, leste e oeste. Estas escolas foram nomeadas de escola A, B, C e D, como forma de se preservar a integridade das escolas, de seus professores e alunos. Nelas, foram aplicados questionários com 15 questões fechadas para a caracterização dos processos nas quais estavam envolvidos docentes e discentes, quanto ao ensino e aprendizagem, sendo o público-alvo os professores que ministravam a disciplina de Geografia e alunos de uma turma de 5ª série, uma turma de 8ª série, do Ensino Fundamental e, ainda, uma turma de 2º ano do Ensino Médio, com 30%, do total de alunos de cada uma das escolas selecionadas.

No total, foram aplicados 14 questionários aos professores de Geografia e 125 questionários aos alunos. Nas turmas de 5ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, 80 alunos responderam as questões; no 2º ano do Ensino Médio, 45 alunos responderam as questões.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

O ensino de Geografia é de fundamental importância em todos os níveis do processo educativo, contribui para a formação e a consolidação da cidadania na sociedade. Em vista disso, fez-se necessário conhecer e analisar metodologicamente o processo de construção deste saber científico, em algumas escolas estaduais de Ensino Básico, na cidade de Santa Maria, a partir de seus métodos e práticas pedagógicas, utilizadas pelos professores de Geografia; qual a percepção dos docentes quanto à profissão; bem como conhecer as dificuldades e anseios que alunos e professores enfrentam em sala de aula, tendo em vista propor soluções e alternativas e, assim, auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de Geografia.

As respostas dos instrumentos de pesquisa, aplicadas aos docentes e discentes, foram inicialmente tabuladas, posteriormente transformadas em

gráficos, e finalmente analisadas e transformadas em texto.

Ao serem indagados como os alunos analisavam o perfil de seu professor de Geografia, a maioria, em todas as séries pesquisadas, respondeu ter uma visão do professor como um simples informante de conhecimentos. Ao ser revelado este fato, que grande parte dos professores ainda utiliza da prática rotineira de “transmitir conhecimentos”, numa visão tradicional. Por outro lado, a disciplina de Geografia é considerada como fundamental pela maioria dos discentes, pois consideram que esta ajuda na compreensão de diversos assuntos. É uma disciplina que abrange ampla área de conhecimentos. Quanto ao tipo de metodologia que mais atrai a atenção dos alunos, os trabalhos em grupo foi o método eleito. Esta é uma questão validamente suscitada pelos alunos, que pensam ser possível propiciar aprendizagem com liberdade, sob sua responsabilidade.

Recursos didáticos diversificados, que venham criar situações instigantes, foram escolhidos com alto índice entre todas as turmas sondadas, pois entendem que dessa forma podem utilizar procedimentos como a observação, a descrição, a experimentação, a analogia e a síntese, considerando a especificidade e a contextualização dos processos, questões, fenômenos, fatos e conceitos geográficos. Além de resultar em aprendizagem significativa, esta prática propicia a interação entre a turma.

Quanto ao trabalho de pesquisa realizado com os professores que ministram aulas nas referidas escolas, observou-se num sentido amplo que, grande parte destes, desenvolvem uma metodologia bastante variada de trabalho, como forma de despertar o prazer nos seus alunos em aprender esta disciplina, por entender que saber melhor transmitir os conhecimentos geográficos pode ser uma ferramenta para mudar a atual concepção do ensino de Geografia. Outro grupo respondeu que algumas turmas têm comportamentos semelhantes, mas reagem de forma diferente às mesmas propostas metodológicas, inferindo que a capacidade de perceber de cada indivíduo é diferente, percebendo que cada aluno possui características próprias de aprendizagem. Neste caso, a metodologia depende das características da turma.

Notou-se, neste trabalho, que uma parcela significativa dos professores ainda utiliza o livro didático, mapas e atlas, como único recurso didático. Essa prática geralmente demonstra que certos professores não possuem grande domínio da disciplina, levando muitas vezes às práticas pedagógicas que utilizam conteúdos não significativos, utilizando apenas o livro didático e os mapas de forma descontextualizada. Infere-se ainda, neste caso, que muitas vezes a escola adota livros didáticos/polígrafos, por influência dos pais e alunos, por entenderem

ser a melhor forma de “estudar” os conteúdos. Não podemos, contudo, ignorar o valor do conteúdo. O indivíduo deve apropriar-se do saber e o professor tem a obrigação de orientar o aluno para este saber.

Por outro lado, aulas bem variadas, como forma de superar uma metodologia centrada no livro didático, fazendo referência aos recursos tecnológicos, dando ênfase aos trabalhos de grupo e de campo, aos mapas, às políticas públicas e à valorização do cotidiano do aluno, foi o tipo de recurso apontado por grande parte dos professores, que disseram almejar sempre a reconstrução do saber geográfico e a sedução desta disciplina.

A avaliação antecede, acompanha e sucede o trabalho pedagógico, possuindo, pois, funções diferentes, conforme o momento em que ocorre. Assim, dos docentes pesquisados, foi unânime a resposta dos que disseram diversificar seu método avaliativo de acordo com o desenvolvimento da turma, porque consideram que, se a avaliação do processo for benfeita, seguida de decisões e ações que ajudem os alunos a aprender mais e melhor, garantirá bons resultados na avaliação final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia vem acompanhando a evolução do homem, a partir do momento em que ela surgiu como disciplina escolar. Com as transformações ocorridas no mundo inteiro, a Geografia buscou acompanhar essas tendências, apesar de estar ainda muito atrelada ao moldes tradicionais enquanto disciplina. Assim, necessita-se estar sempre em debate e sob reflexões por parte daqueles que a estudam. Esta pesquisa procurou fazer um trabalho de análise metodológica do ensino de Geografia em escolas de ensino básico. A partir da coleta, análise e interpretação de dados foram apontados aspectos relevantes. A pesquisa revela, ao contrário que se pensa, que o educando interessa-se em estudar a disciplina de Geografia, porém deixa evidente algumas limitações para a aprendizagem. Percebeu-se o interesse dos educandos na utilização de mais recursos didáticos, tendo em vista que os professores ainda limitam seu uso, o que torna as aulas monótonas. Os alunos almejam aulas mais criativas. A própria realidade em que vivem poderá representar recurso a ser explorado, fato este que os capacitará a reconhecerem a si mesmos, compreenderem e buscarem explicações para muitas distinções que existem entre as sociedades e a natureza, bem como auxiliar na construção do espaço em que habitam. Outra razão para o surgimento de dificuldades e o não interesse pela Geografia, pode estar relacionado com a baixa qualificação

do corpo docente, além da reduzida carga horária semanal da disciplina.

O professor deve ser um profissional inovador e criador. Claro que isso implica numa maior disponibilidade de tempo livre para o preparo e estudo dos temas a serem trabalhados com seus alunos. No entanto, as atuais condições de trabalho, a elevada carga horária, além de salário baixo explicam porque o professor continua, em regra geral, sendo um mero executor dos programas curriculares. Este fato ficou notório nas respostas dos professores.

Diante disso, o professor deve procurar desenvolver nos seus alunos a capacidade de questionar, duvidar e se posicionar diante da realidade de mundo. Se assim o fizer terá dado um importante passo para o aprendizado da Geografia. Nesta perspectiva, o estudante poderá perceber que o conhecimento não advém exclusivamente da assimilação de fenômenos e processos registrados em papéis. Pelo contrário, o conhecimento pode surgir da atitude de curiosidade frente ao mundo, face ao desconhecido. As habilidades acima referidas permitem ao professor de Geografia participar da construção deste ensino. Vivemos em um mundo onde o incerto, o indeterminado e o complexo marcam a prática pedagógica. Por isso, é preciso conduzir os alunos para que eles possam e devam ser os atores do processo de (re) construção do espaço. É importante saber trabalhar com imagens e linguagens específicas, a exemplo de estudos geográficos das paisagens e da cartografia, instrumentalizando os alunos para que saibam lidar com as mais diversas questões em suas vivências, o que certamente aproxima o conhecimento dos conteúdos curriculares, não os sobrecarregando com informações pouco instigantes ao pensamento reflexivo. Afinal, a memorização ainda é uma das características do ensino da Geografia, mantendo-se na maioria das escolas, representando uma das causas da apatia dos alunos pela Geografia. Ao passar para o aluno o entusiasmo e a paixão de um professor, ao abordar/explicar o conteúdo que leciona, estes sentimentos despertarão nos seus alunos a motivação em aprendê-lo, visto que também se aprende em razão daqueles pelos quais temos estima e admiração.

Muito ainda precisa e pode ser feito no desenvolvimento de metodologias do ensino de Geografia. Muito se tem dito a respeito de integrar a produção acadêmica de Geografia com a disciplina ensinada no Ensino Básico. A tarefa de estruturar propostas pedagógicas adequadas às demandas da sociedade brasileira em geral e do alunado em particular impõe-se como uma necessidade. Não apenas em função da necessidade de tornar mais efetiva e prazerosa a atividade docente, mas também porque os descaminhos da Geografia ensinada em sala de aula abrem flanco para o questionamento da pertinência da disciplina (ou, no mínimo,

da carga horária a ela atribuída) na grade curricular do ensino básico, conforme já ocorreu aqui e em outros países.

Cumpra assim que um número crescente de docentes lance-se à tarefa coletiva de construir um conjunto de iniciativas que permitam formar um corpo metodológico que, no seu pluralismo, ofereça embasamento sólido para o grande número de profissionais que cotidianamente estão envolvidos com a disseminação do conhecimento e do olhar geográfico para a sociedade civil, com todas as possibilidades de transformação social que isso representa.

Há necessidade de que os professores de Geografia promovam seu próprio desenvolvimento profissional, construindo momentos de debate, de trocas de experiências e de renovação de esperanças por uma educação mais eficaz em seus propósitos. É preciso que haja comprometimento profissional e a mente dos profissionais da educação esteja sempre aberta para o novo, mesmo que os desafios sejam grandes e nem sempre compensem, material e espiritualmente, o esforço compreendido.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Mediação, 2000. p. 84-134.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (Org.). Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In _____. **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. 2. ed. Rio Grande do Sul: Mediação, 2000. p. 11-81.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

VESENTINI, José William. **Realidades e perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil**. O ensino de Geografia no século XXI. São Paulo: Papirus, 2004.